



# A visão de sonhos — para a vida

WALTER TRINCA

*Adão e Eva Dormem,*  
aquarela do poeta e pintor  
William Blake

Na China, a dinastia T'ang<sup>(1)</sup> foi um período áureo. Detida grande parte da ameaça de invasões externas, unificou-se o país, tornando-se política, social e economicamente desenvolvido. Ampliaram-se rotas comerciais e intercâmbios culturais, de modo que as artes vieram a ocupar o seu lugar, em especial a literatura, a pintura, a dança e a música. A poesia e o conto popular receberam fecundo influxo. O estado geral de espírito da época era elevado e criativo, predominando a influência taoísta. Foi um período incomum na história da humanidade, desses que se contam nos dedos, como a Idade de Ouro de Péricles e o Renascimento florentino. A humanidade parece encontrar nesses períodos condições propícias de renovação espiritual, instalando uma sementeira de fertilização que perdura por muito tempo e inspira as futuras gerações, fazendo sentir remotamente a sua influência.

Na dinastia T'ang era incontestemente esse clima de renovação espiritual, de cujo estudo sem dúvida muito lucraria o leitor ainda não familiarizado com os assuntos chineses. Todavia, quero apenas chamar a atenção para um ponto peculiar: a ênfase na visão essencialmente onírica para a vida humana, característica dessa ocasião. Disso dá sobejas provas a poesia, que se desenvolveu em atmosfera de sonhos – nela, o verdadeiro sentido para a realidade era o do sonho. Desaparecer nas brumas, perder o contorno concreto das coisas, ter presente a infinitude que é evocada a partir da finitude, experimentar um *détachement* a propósito da vida quotidiana, eis o ideal do sábio que era, então, o poeta chinês. Longe de ser escapismo, sua mensagem apontava para a via de superação: divisar nos fenômenos comuns e mesmo nos reveses da existência uma qualidade nobre, um significado oculto e, às vezes, transfigurado.

O conto, por sua vez, que vinha passando por crescente vulgarização desde a época precedente<sup>(2)</sup>, alcançou florescimento máximo na dinastia T'ang. Embora aquém do refinamento estético atingido pela poesia, o conto refletiu a predileção das camadas populares por temas insólitos. Afora o conteúdo extraordinário de histórias de dragões, raposas encantadas, mestres taoístas e damas dedicadas, encontra-se um verdadeiro tesouro de relações entre a vida desperta e onírica. A história se estrutura como um sonho em que a vida passa por comoções, sendo desfeita a ordem para ser refeita em novo equilíbrio.

Nesse tempo, os intelectuais em geral – e não somente as pessoas dotadas de espírito romântico – tiveram mais coragem de questionar o caráter “real” do mundo. Por isso, interessaram-se pelas relações entre os sonhos e a vida acordada, associando o fenômeno onírico às suas dúvidas a respeito da existência da realidade. Seria a vida desperta um mero sonho? Não seria o processo de viver semelhante ao processo de sonhar? Que condições mentais são requeridas para contato com o “estado de sonho” correlato à própria existência do mundo? Algumas obras literárias e artísticas da época dão conta dessas preocupações dos letrados chineses.

Isto nos leva a refletir com Bégúin, que todo período da história humana poderia ser definido a partir das relações que estabelece entre sonhos e vigília. A época T'ang é sugestiva para indicar que a visão dos sonhos para a vida não constitui inquietação nova. Encrava-se em antigas preocupações humanas e confunde-se, às vezes, com pura ficção. Na verdade, essa atmosfera de sonhos que envolve a vida foi sempre mencionada pelos poetas de todos os tempos. No extremo oposto, contrapõe-se a um mundo perfeitamente objetivo, cujo significado pode ser instituído de modo tão inquestionável que se torne entediante viver nele. Como as pessoas poderiam encontrar consolo e colorido num mundo de autômatos? Quando o significado das coisas está cristalizado, quando elas

**WALTER TRINCA** é professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, psicanalista e autor, entre outros livros, de *Investigação Clínica da Personalidade* (E.P.U.) e *A Arte Interior do Psicanalista* (E.P.U./Edusp).

**Toda época do pensamento humano poderia se definir, de modo suficientemente profundo, pelas relações que ela estabelece entre o sonho e a vida acordada.**

**Sem dúvida, nós nos espantaremos sempre por viver duas existências paralelas, misturadas uma à outra, entre as quais não chegamos a instaurar uma perfeita concordância**

**(Albert Bégúin)**

1 Kenneth considera a dinastia T'ang (618-907) uma nova era clássica, uma era de renascimento.  
2 Dinastia Sui (589-618).

Nesta e nas páginas seguintes,  
as ilustrações clássicas de Sir  
John Tenniel para *Alice no  
País das Maravilhas*

“são” inapelavelmente tal como se nos apresentam, sem possibilidades de ser de outro modo, qual o sentido para a existência humana? Nossa arcaica obsessão por definições conceituais, que é uma das bases de nossa civilização, embora útil e indispensável, pode chegar a tais extremos que encerre o conhecimento num contexto acabado, fazendo desaparecer o encanto. Todavia, se há semelhanças com os sonhos, poderemos sempre encontrar o desconhecido que se abriga e é contido num objeto inesgotável – retorna, então, o nosso encanto. Um contato significativo tem a ver com descobertas feitas na própria experiência, e isso inclui até experiências consideradas bastante simples, como a percepção de alguns velhos conversando numa esquina ou num bosque de pinheirais. Penso que a alegria de viver depende da indeterminação que experimentamos no interior de um imenso campo de possibilidades que jamais se esgotam, em seu perpétuo vir-a-ser cheio de surpresas.

Lacunas e confusões do espírito mergulham suas raízes no “estado concreto” que assedia a mente. Temo o reino dos Augustos, homens por demais objetivos, incapazes de suavizar a vida pelo encanto e pelo mistério. Objetividade pura é loucura pura, porque rompe com a fonte de onde brotam os nossos sonhos – tornamo-nos espiritualmente estéreis. É quando cessa a luta interior por integrar a “realidade sólida” com a imaginação onírica. O que nos livra do “estado concreto” é, precisamente, o reencontro da fonte original de plástica mobilidade psíquica, que conhecemos desde bebês. Ela busca os recônditos mais assombrosos e obscuros da vida.

Por que uso, aqui, esta palavra “sonho”, tão enganadora, designando um ponto de vista semelhante para a vida? Como veremos, trata-se somente de uma metáfora, todavia uma metáfora feliz porque “o sonho concede ao homem o privilégio de tomar parte num mundo em que foram derrubadas barreiras de tempo e espaço” (Kemper, p.223). Na verdade, aponto para uma região da mente que tem com os sonhos algo em comum. Ela não circunscreve as experiências de vida a padrões formalmente estabelecidos. Assim, a realidade comum pode ser ultrapassada e a experiência pode ser estendida ao *détachement* da atmosfera de sonhos.

Como descrever esse estado? Distanciamento, não-envolvimento? E se eu não estivesse aqui, se houvesse morrido, se muitos anos se tivessem passado, como seria o momento atual? Os contratempos diários, as pequeninas coisas, as frustrações quotidianas, as idiossincrasias, a preocupação com

**O estado imaterial contém, pois, mobilidade mutabilidade e impermanência que dão a um espírito sensível a noção do poético desfazimento: o que está aqui e agora pode ser a amado na pura ligação não-sensorial e a ser reconhecido como sublime preciosidade deste instante que se desfará. Já o estado sensorial, convence pela impressão de algo que permanece e se apodera da mente**



os bens, as ligações passionais, etc., tudo isso teria igual importância? Dentro de centenas ou milhares de anos – quando eu aqui não mais estiver – como será tudo isso? E, também, imaginando que simultaneamente eu estivesse morto e participasse da vida – se fosse isto possível –, o que nela teria importância? Ocorreria certamente uma reviravolta, própria da visão da vida concebida como um sonho.

Se pudéssemos ser sábios – coisa rara! – tomaríamos corpo valores que realmente prezamos. Estando mortos para preocupações insignificantes, envoltos em egocêntricos ou convencionais e a pequena guerra de todos os dias, o espírito despertaria naturalmente para aquilo que não é consumido pelo tempo. Encontraria a beleza. Veria, talvez, a existência com uma dose de nostalgia, bondade e compreensão. Nada demais exigiria do mundo, mas extrairia o que ele oferecesse a cada momento de contemplação. Sabereria reconhecer no tempo que passa a grandeza que permanece, os laços perenes que unem os seres amados. Amor e felicidade não seriam palavras vãs.

Talvez pudéssemos experimentar que, em parte, é preciso morrer porque, mortos para algumas coisas, melhor veríamos as que são produzidas por medos, paixões e angústias, distinguindo-as daquelas que ocasionam expansibilidade, beleza, grandeza de alma e bondade. A realidade revelar-se-ia em seu natural frescor, amor e verdade. Nossa relação com o que permanece tenderia ao encanto e nostalgia, desapego e contato profundo. A mente não seria tão desejosa e queixosa, irrequieta e repetitiva, assustada e defensiva. Usufruiria melhor do prazer “desinteressado” de existir. Essa é a porta de entrada à atmosfera de sonhos. Nela, a vida é objeto em transformação, no qual, em tudo, a norma é a mudança e o que “quer” perdurar se torna fóssil ou degenerado. Aí encontramos refúgio contra a morte do espírito.

Os sonhos manifestos fazem justamente isto: privam os seres e objetos de suas coordenadas para movimentá-los como sombras de um planeta perdido, ao sabor de singulares princípios – não afeitos às noções de espaço, tempo e identidade que costumamos empregar. Mas, como na base do sonho reside o sonhador, o ideal acalentado deste é que visite estranhas regiões sem se perder de si, que suas experiências de longínquo viajor alcancem os antípodas do universo, até o absurdo e o horror, sem ele mesmo sofrer, contudo, uma catástrofe. Esta é a arte de Alice: penetrar num mundo alterado, inexplicável, incoerente, enfim onírico, e dele sair ileso, com maior conhecimento. Tudo o que tem a fazer é controlar a própria loucura. Esse mundo parecerá perigosamente insensato, totalmente abstruso ou simplesmente dispensável a quem não busca o conhecimento.

Apartar a pesada carga do “estado concreto” da mente, fazendo diluir, em certo sentido, o aspecto definitivo que as coisas assumem, para encontrar as brumas e a noite sem, contudo, se perder de si mesmo, é a advertência dos sábios. Na atmosfera de sonhos nada poderia incomodar o prudente peregrino que, incerto, vagueia pelo eterno movimento da natureza e dos homens em direção ao não-formulado, ao não-sabido, e a um maior desvendamento. Que nos convida a penetrar no difuso bem-estar do sonho, como diria Bachelard. Emerge daí um universo de soltura e leveza, um estado imaterial de espírito.

Vivenciamos, às vezes, os sonhos noturnos, com perplexidade e indagação, pelo que nos apontam e nos instam a procurar. No dia seguinte, perpassa-nos, ainda, a sensação do sonho, originária de uma região longínqua, como visão obscura ou como restos de nuvens fugidias. Reclama pela urgência de desvendarmos uma parcela da realidade que se acoberta e, ao mesmo tempo, se desnuda. É meio de manifestar uma realidade mais profunda, dissimulada pela capa de superficialidade. Por isso, Hermann Hesse (p.135) disse:

“Importantes são também os sonhos que me visitam à noite, dos quais pouco resta pela manhã. Mas sempre fica em mim, ressoando deles, a lembrança dum sublime, escuro reino de nossas almas; onde se realizam, despercebidos e ignorados, milagres muito mais ousados e luminosos do que no terreno de nossa razão ou dos instintos”.

Recorda-nos a semelhança com o brincar das crianças. Milner (p.140) observou que elas passam grande parte do tempo num estado em que sonho e realidade externa não são claramente separados:

“são como pássaros, podem viver simultaneamente sobre a terra e no céu”.

Esse estado de imersão vivenciado em vigília faz supor que nossa existência se dá,



por assim dizer, numa orla cercada de mistérios. Quando nos aproximamos da fronteira, podemos vislumbrar alguma coisa. A maior parte do tempo, porém, passamos no centro, pouco ou nada podendo ver. Ainda assim, nossa existência não deixa de estar ligada à perplexidade. Vejo, por exemplo, os objetos encontrados no túmulo de Tutancâmon. À simples vista, são peças utilitárias, imagens das atividades do rei, insígnias de realeza, símbolos sagrados, representações de divindades, etc. Todavia, com penetração, olho esses objetos num misto de reverência e temor, pelo extravagante e incompreensível que emana do conjunto. Não se submetem à nossa racionalidade. Qualquer tentativa de sujeição é forçada: teríamos que despojá-los de aspectos essenciais, incompreensíveis.

A perplexidade está presente, também, quando vejo algo aparentemente comum e relativamente inofensivo, como um carreiro de formigas na mata. Destes estranhos insetos, fósseis vivos de mais de cem milhões de anos, desconheço os motivos do que fazem e a percepção que têm de suas existências. Mesmo que os estudasse a fundo, teria delas apenas uma pálida idéia. Participam de um universo que não compartilho. Assim ocorre com o pássaro que canta no galho de minha árvore. Sua figura esbelta e soturna, próxima e remota, seu canto lúgubre dizem-me que há uma outra realidade. Ouço-lhe ecos de uma região desconhecida, um fundo que ressoa vertigens em mim. É, então, um pássaro estranho, esse! Um ser emergente de outra dimensão, de onde vêm esses cantos e gritos indecifráveis. Comunica-me um ar de surpresa, por sua presença só em parte conhecida, só em parte inesperada.

Não é, seguramente, fácil de pôr em palavras a impressão fugidia de olhar a vida como se estivéssemos em sonhos. O que antes parecia banal torna-se agora estranho. A estranheza do próprio mundo, que captamos em nossos melhores momentos de sintonia. Nesses instantes felizes, a percepção parece limpar-se de um véu diáfano para suscitar a visão da criança pequena diante de um mundo “mágico” e para readquirir a pureza original, a significação primeira. A seguir, porém, é eclipsada pelo padrão do adulto civilizado, retornando ao estado “normal”.

Muito além, incomparavelmente além da experiência da criança, está a experiência do adulto em seu mergulho na atmosfera de sonhos. Quase infalivelmente ele adota uma perspectiva filosófica para a vida. Percebe os vãos sonhos e a insensatez dos homens, a existência que inapelavelmente passa, a pretensa garantia de fixidez e permanência dos objetos, o enganoso enrosco no tempo e no espaço. Em suma, essa visão descortina “um outro ser” em cada ser.

Mais do que isso, o objeto percebido revela sua intrínseca natureza de sonho: sua realidade intangível, sua profundidade volátil, surpreendente, mutável e assombrosa. Eu ouço o grito daquele pássaro com o sabor de ouvi-lo de novo, ouvindo-o desde muitas eras, um grito antigo, fantástico, que ultrapassa o tempo. Seu lúgubre grito e sua negra sombra remetem a um mundo que, longe de ser monolítico e totalmente explicável, tem sempre um quê de mistério que jamais chegaremos a descobrir.

Um bosque de árvores centenárias que na altura das copas se fecham sobre si mesmas, e na altura dos troncos são sólidas e limpas quais colunas de mármore emergentes de um chão atapetado, causa a impressão de uma imensa catedral. De repente, o espantoso silêncio, a abstração quase completa ao mundo humano. O bosque dos pinheirais transfigura-se. Ele passa a existir “como é”. Eu o vejo alheio a nós, pobres mortais. Sua sombra solene, sua muda presença transcendem o momento atual. Sua vida é a vida da natureza, uma natureza original que nos recebe sem que saibamos compreender. O bosque é indescritível, inefável. Um local de encontro com o silêncio do universo que ali, como em lugares consagrados, apresenta sua epifania.

Essa transfiguração é, porém, a minha descoberta de alguma coisa que a natureza oferece, alguma coisa que está nela. É a captação de um lampejo do esplendor que existe na realidade, quando a podemos receber. Por outro lado, o imprevisto monstruoso e medonho faz parte, também, da atmosfera de sonhos.

Parece, pois, que a natureza, em certas ocasiões, desvela seu encantamento. Quando isso acontece, as emoções e imagens assemelham-se aos sonhos, revestindo a mente do estado de imaterialidade. Isto é o que expressa Su Tong-P'o<sup>(3)</sup> em seu poema “Noturno em barco”:

“Uma brisa ligeira sussura nos juncos.  
Abro a porta: é uma chuva de lua, que inunda o lago.  
Os barqueiros e as aves aquáticas sonham juntos.  
Grandes peixes desaparecem, como ágeis raposas.  
Nesta noite profunda, em que homens e coisas se desconhecem,  
Meu corpo e minha sombra sozinhos se distraem.  
O marulho noturno desenha caminhos de minhocas nas margens.

3 Su Che (1035-1101), conhecido como Su Tong-P'o, foi um dos mais célebres poetas chineses.

A lua que declina agarra-se nos salgueiros, como aranha suspensa.  
Nesta vida que se apressa, em meio à azáfama do mundo,  
Uma imagem etérea às vezes passa, assim, diante de nossos olhos,  
mas quão fugidia!

O canto súbito do galo, o som de um sino ao longe: as aves se dispersam.  
Ouço os tambores dos pescadores que se chamam para o retorno.”

O poema de Su Tong-P'o é descritivo. Mostra como o poeta “vê” a realidade, ou melhor, como esta lhe desvenda os sentidos. Não é o lirismo que importa e, sim, se o poeta é capaz de decifrar a fisionomia do mundo que lhe perpassa e transmitir essa visão profunda de um instante fugaz. Ilustra o fato de haver uma visão da realidade a partir de fonte interna similar àquela que produz os sonhos noturnos. Todavia, a fonte do poeta estabelece uma ponte com a realidade externa, encontrando a fisionomia desta nele refletida como se fosse o sonho do poeta. Dessa fonte brota um estado de imaterialidade na mente, que se dá no silêncio que afasta tudo o mais que já seja conhecido.

A beleza incomum dos peixes no lago dura apenas uma chispa de segundos e não se prende senão à própria beleza inebriantemente expressa como um sonho. A imagem etérea do nevoeiro que empalidece a lua numa noite cavernosa ou a da planta à minha frente, que tem existência obscura num planeta obscuro, são momentos do espírito em sua captação de imaterialidade. A planta, agora tocada pelo vento, é um objeto sagrado, uma vida incompreensível que mergulha na noite, uma forma visível sem forma visível no invisível.

“Maddalena Doni” é o sonho imaterial de Rafael<sup>(4)</sup>. O fundo do quadro é fundo de beleza, mas não só. Transporta à região de pura imaterialidade de sonho, contudo um sonho que transfigura os dados da realidade através do encontro daquilo que, ultrapassando a beleza, alcança o infinito, algo que não conseguimos nomear em palavras. É a visão privilegiada do pintor sobre a essência imaterial do mundo que af se converte de inominado em pintura, de mistério em beleza.

Inúmeros paisagistas chineses das dinastias T'ang, Song e Ming<sup>(5)</sup> representaram a natureza tal como a viam envolvida em auréola de irrealidade e imaterialidade. No Museu Nacional do Palácio, Taipei, Taiwan (Formosa) há uma folha de álbum pintada em 1576 por Wen Kia, denominada “Paisagem no espírito dos poemas de Tu Fu”, que bem demonstra essa visão da realidade. Picos estranhos e distantes, cascatas que se precipitam das alturas nevadas, o contorno flutuante dos lagos e árvores dão-nos somente uma pálida idéia do conjunto, se não fosse o colorido esmaecido do jade contrastante com o safira amarelo-alaranjado das montanhas, habilmente colhidos no silêncio da interioridade do artista, nas imagens de seus sonhos. Ao acentuar a imaterialidade da cena, o quadro comunica a penetrante sintonia do artista com a natureza.

As brumas do entardecer provocam o suspiro. São a desconcretidade dos objetos na mente e a passagem a um estado receptivo de realidade mais profunda. Levam para fora, e além das dimensões de espaço, tempo e individualidade, pondo-nos em ligação com o universo em seu significado original. Qual é, porém, o significado último, mais íntimo do mundo? Não o sabemos. Mas o artista que reside em todos nós está menos distante de entrever alguma coisa. Sua visão é contemplação e vivência embebida na fonte de criação do símbolo, na região que dá “forma pessoal” à experiência. Eis como d'Annunzio (citado por Bachelard, p.171) descreveu a apreensão imaterial do mundo:

“Entre minha alma e a paisagem havia uma secreta correspondência, uma afinidade misteriosa. Parecia que a imagem do bosque refletida na água dos charcos era de fato a imagem sonhada da cena real. Como no poema de Shelley, cada pedaço de charco parecia um céu estreito mergulhado num mundo subterrâneo, um firmamento de luz rosada estendido sobre a terra obscura, mais profundo que a noite profunda, mais puro que o dia, e onde as árvores estariam se desenvolvendo de modo semelhante ao ar superior, todavia com matizes e delicadezas mais perfeitas do que tudo o mais que ondula nestas paragens. Visões deliciosas, como jamais se viu sobre a superfície deste mundo, estavam af pintadas no amor da água pela bela floresta; e, em toda a sua profundidade estavam penetrados por uma claridade elípsia, uma atmosfera invariável, um crepúsculo mais doce que o nosso”.

Esta experiência preserva as noções de tempo e espaço, mas não é adstrita a elas. Tempo e espaço são empecilhos à experiência quando pejam imperativos categóricos, pelos quais tudo se condensa e se amolda à sua feição. Neste caso, encontramos as coisas definitivamente acabadas, rematadamente encarceradas e enganosamente expurgadas de seu sabor original.



4 Retrato pintado em 1505 por Rafael Sanzio (1483-1520), que se acha na Galeria Palatina (Palácio Pitti) de Florença.

5 Cronologia: dinastia Song, de 960 a 1279 (Song do Norte, de 960 a 1127 e Song do Sul, de 1127 a 1279); dinastia Ming, de 1368 a 1644.

**Abaixo, retrato de Madallena  
Doni, de Rafael Sanzio 1505**

Mais importante ainda é o resguardo da comunicação entre o “estado de sonho” do homem e a qualidade de sonho que reveste o mundo, que foi expressa por Chuang-tse no famoso sonho da borboleta<sup>6</sup>. Há um caráter móvel e indeterminado na realidade, que Chuang-tse denominou “mudanças dos seres” e que interpreto, além disso, como mudanças nas condições da mente quando ela apreende esse caráter móvel e indeterminado. Não saber se sou homem que sonha que é borboleta ou borboleta que sonha que é homem indica o estado de fluidez da mente que acompanha o caráter móvel e a natureza intrínseca de sonho do próprio mundo.

O sonhador a que me referi tem dentro de si o “estado de sonho” através do qual ele “encontra” a realidade, sendo um encontro com o sonho que está na realidade (que, por sua vez, realimenta o “estado de sonho” do sonhador). Deste modo, ocorre o encontro de nossos sonhos com os sonhos da natureza, ou melhor, com os sonhos que nela captamos para além de sua simples aparência. Quando interiormente atingimos a captação, chegamos a perceber o sonho da criação deste mundo.

A realidade evoca seus abismos somente àqueles que se preparam para vê-los. Se não houver o símbolo adequado à experiência, se o lugar do símbolo for ocupado por áreas opacas e não-nascidas, o que se tornará visível? Todavia, o real é, nele mesmo, cada vez mais aprofundado e aprofundável. É praticamente inesgotável como possibilidade de apreensão. Sendo, desta feita, um sonho, a realidade está sempre sonhando e é, assim, inesgotável quando a encontramos no seu sonho.

Viver como se participássemos de um grande sonho, eis o início da sabedoria. Estar absortos e integrados na benéfica mobilidade e viva respiração do mundo, que espontaneamente nos transportam à compreensão das coisas, eis a fresta que se abre ao conhecimento. Compreender que a vida é breve, mas que tudo o que se passa na inexaurível massa viva do universo é de grande significação, eis o despertar do espírito. Catalisar a ressonância de tudo o que existe num espaço de alargamento e abrangência do espírito, eis o caminho da morada dos deuses.

Então, por que reter a situação estimuladora concreta e fixar a resposta condicionada, como se fossem formas exclusivas de presença? Em verdade, a alma encarcerada não alcança a espiritualidade que emerge do transitório. A beleza imaterial da existência torna-se visível naquilo que se dilui como a fumaça, que é volátil como as nuvens e que desaparece no tempo, sem retorno.

**Por que uso, aqui, esta  
palavra "sonho", tão  
enganadora, designando  
um ponto de vista  
semelhante para a vida?  
Como veremos, trata-se  
de uma metáfora, feliz,  
porque o "sonho concede  
ao homem o privilégio de  
tomar parte num mundo em  
que foram derrubadas as  
barreiras de espaço e  
tempo" (Kemper, p. 223).  
Aponto para uma região  
da mente que tem com  
os sonhos algo em comum**



<sup>6</sup> Chuang-tse (século III a.C.) foi o grande filósofo-poeta da escola taoísta. Em conhecida passagem de sua obra (p.45), escreveu que sonhou que era uma borboleta que, por sua vez, não sabia que era Chuang-tse. Ao acordar, viu que era Chuang-tse, mas ficou sem saber se era ele sonhando com borboleta, ou borboleta sonhando com Chuang-tse.

Há um estado de imaterialidade na mente que surge do reconhecimento da impermanência. Nasce do liame profundo que se faz em momentos de elevada significação com objetos amados que se esvaem. É despertado pela idéia de que, se visto de outro ângulo, nosso mundo material tão sólido parece desfazer-se em brumas. Sobrevém da vivência de estarmos de passagem, tantas vezes representada na própria poesia, na música e em todas as outras formas de arte.

Wei Chuang, que viveu no final do século IX de nossa era, soube exprimir em versos esse “ar de passagem”, nostálgico, comum à poesia chinesa:

“Cai a neblina sobre o rio, e as plantas da superfície d’água  
formam um chão unido.  
Como um sonho, seis dinastias se passaram<sup>(7)</sup>, e as aves choram em vão.  
Mas os salgueiros do palácio imperial sobram indiferentes,  
Desaparecidos no nevoeiro, como outrora, acima de quilômetros de diques.”

O estado imaterial contém, pois, mobilidade, mutabilidade e impermanência que dão a um espírito sensível a noção do poético desfazimento: o que está aqui e agora pode chegar a ser amado na pura ligação não-sensorial e a ser reconhecido como sublime preciosidade deste instante que se desfará. O estado sensorial, ao contrário, convence pela impressão de algo permanente que se engasta e se apodera da mente.

Imaterial e material, ao mesmo tempo. Cada objeto, pessoa, situação é material em sua concretude e imaterial em seu fulgor esquivo, como a estrela cadente que desaparece na imensidão do espaço.

Li Po<sup>(8)</sup>, que muitos consideram o maior poeta chinês de todos os tempos, escreveu estes inigualáveis versos:

“Viajante marítimo  
Sobre seu barco de vento  
– Ave atravessando as nuvens –  
Para além, tudo desaparece.”

Imaterial é uma realidade volátil, onde as coisas e a vida estão rodeadas de auréola perecível e, assim mesmo, fascinante, grandiosa, profunda e eterna. Fascinante, pela expressão que produz; grandiosa, pela abrangência que revela; profunda, pelo contato penetrante a que convida; eterna, na experiência momentânea que contém um valor permanente. É recomendável, pois, uma boa dose de filosofia clássica chinesa: há movimentos do universo, fluxos e refluxos – metaforicamente, a própria respiração do universo – que se responsabilizam pelas transformações de todas as coisas. Perto disso, a vida e a obra dos homens mais se assemelham à existência de formigas e cupins. O sábio chinês não se preocupa demasiadamente com o que acontece – não se aflige exageradamente com acontecimentos infaustos, nem se vangloria com os bem sucedidos – porque, para ele, ninguém sabe onde chegarão as transformações pelas quais as coisas e a vida humana passarão.

Perceber as transformações pode resultar na relativização do sofrimento mental que se origina da absolutização do transitório. Hoje um amigo faleceu. Sua vida, agora, não parece um sonho? De concreta que era, evaporou-se. Isso indica o que será conosco. Faz pensar em tantos acontecimentos que, vistos à maior distância, parecem coisas de fantasmas. O homem experiente não olha esses momentos como tão reais a ponto de desperdiçar sua vida por eles. Por que se afligir com o que tem a consistência dos sonhos? Por que, então, não se ocupar daquilo que proporciona real alegria de viver, no fulgurante momento da experiência vivida? Não estará o que é “permanente” residindo na experiência que corre vaga, inconstante e renovável?

A que se assemelha nossa vida? Su Tong-P’o respondeu:

“a um vô de gansos que, vindo pousar suas patas sobre a neve, aí deixam,  
às vezes, a marca de suas unhas.”

Chuang-tse, para quem a natureza tem seus ciclos de transformações e a vida do homem é tal qual um sonho, disse (p.44):

“Somente quando ocorre o grande despertar<sup>(9)</sup> é que se sabe que tudo não passou de um grande sonho. A multidão ignorante acredita estar desperta, distinguindo um príncipe de um pastor. Que estreiteza de espírito!”

Não só no oriente o tema percorreu insistentemente a literatura e a filosofia. Dois sé-



7 O título deste poema é “Kin-Ling”, uma cidade que, sob seis dinastias, foi a capital do império (séculos III a VI). O poeta refere-se a acontecimentos que lhe foram anteriores mais de trezentos anos.

8 Li T’ai Po (701-762), poeta dotado de extrema delicadeza e sensibilidade, mereceu o título de “imortal”, uma distinção excepcional entre os chineses.

9 A morte.



culos antes de Chuang-tse, Heráclito de Éfeso concebeu a “teoria da mudança perpétua”, que aproxima a noção da semelhança da vida com os sonhos. Em Heráclito, impõe-se a visão de fugacidade do presente e de ilusão de eternidade das atuais condições. Ele afirmou (p.77):

“Nós entramos e não entramos no mesmo rio.  
Somos e não somos”.

Quando um povo floresce espiritualmente, é natural que de um ambiente cultural fecundo surjam indagações desse tipo. Entre os árabes, Omar Khayyam (p.71) deixou escrito:

“Não busques a felicidade. A vida é breve como um suspiro. As cinzas de Djemchid e de Kai-Kobao giram na poeira vermelha que tolda o ar. O universo é uma miragem. A vida é um sonho.”

Na época elisabetiana, o drama de Shakespeare era, por excelência, a arte de representar a vida como se fosse um sonho. Seus principais personagens se movem quase o tempo todo nessa perspectiva e, deste modo, Shakespeare soube tão bem compreender a vida. Ele atingiu raras culminâncias em *Hamlet*, *Macbeth*, *Ricardo III*, *Otelo* e *Rei Lear*. Em *A tempestade* (p.16), pôs na boca de Próspero estas palavras:

“As torres que se elevam para as nuvens, os palácios altivos, as igrejas majestosas, o próprio globo imenso, com tudo o que contém, hão de sumir-se, (...) sem deixar vestígio. Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono.”

Hamlet, diante do desfecho inescusável de seu destino, em certo momento brada (p.979):

“Se tem de ser agora, não é para depois. A questão é estar preparado. Pois se nenhum homem sabe o que deixa, que importa deixar mais cedo? Que seja!”

A vida perde sua pujante e monolítica dureza para situar-se no efêmero. Embora haja a ilusão de imortalidade, uma vida nada é senão “o minúsculo chapinhar de uma gota d’água”, como disse Tsong-Khapa<sup>(10)</sup>. Todavia, enquanto dura, poderá ser um instante delicioso de sonho e não um pesadelo.

Sófocles, Cervantes, Calderón e Schopenhauer são autênticos representantes do espírito humano que ousaram proclamar afeição onírica da vida, sua semelhança com os sonhos. Por que superabundar citações? Béguin, Bachelard e Milner, cada qual a seu modo, são preciosas fontes de indicações sobre a expressão literária e filosófica da realidade-sonho na cultura ocidental.

Contudo, retornando ao extremo oriente, a melhor pintura clássica chinesa sempre se esmerou em representar o caráter onírico da realidade. A silhueta de um templo isolado nas montanhas comunica-se conosco não em sua religiosidade exterior, mas na silenciosa realidade de sonhos. Nós o percebemos em sua existência de “outro mundo”, como se perante a realidade por demais objetiva que nos ofusca e, às vezes, nos oprime, esse templo fosse mera ficção. Nessa sua outra existência, é tão real, ou mais real que a nossa. Mostra-se nas brumas das grandes altitudes, emergindo, para nós, de um ignoto país de mistério. Foi deste modo que um anônimo artista Song nos legou uma folha de álbum intitulada “O Palácio Han”<sup>(11)</sup>. Contrariamente ao costume chinês de evitar o excesso de representação humana, o palácio se acha povoado de gente. São, porém, figurinhas da beleza de um sonho, bonequinhos de um instante, ou mariposas vindas das sombras para a luz, desaparecendo depois. A beleza artística do quadro funde-se no *évanouissement* que lhe empresta o charme. Aliás, aqui como em toda parte, por mais elevada e sagrada que seja a beleza, ela nada é se não for, também, verdade. O que os grandes pintores chineses procuraram sempre representar foi a beleza conquistada no silencioso deslumbramento poético enquanto realidade-sonho e, justamente por isso, enquanto verdade.

Não equivale a dizer que a realidade por inteiro seja sonho, mas que a podemos encontrar, *também*, como sonho, e que este aspecto não deixa de ser, *também*, real. Por mais que a aprofundemos, haverá sempre sua face desconhecida, sua forma oriunda do fundo dos abismos. O ser humano, que obteve domínio sobre a força bruta da matéria, que já conseguiu atingir o inconsciente do homem, deverá agora ser incentivado a alçar

10 Tsong-Khapa (1357-1419), grande reformador do budismo tibetano.

11 Pintura do século XII, pertencente à coleção do Museu Nacional do Palácio, Taipei, Taiwan, (Formosa).



Banco de Dados

Wang-Ch'uan, a casa de campo  
do célebre poeta da dinastia  
T'ang, Wang Wei (699-759)

vôo à descoberta dos significados do sonho da realidade e do inconsciente que habita a própria feição da natureza e da vida.

A superficialidade da mente não os alcança. Alcança a gravidade mas não a graça, como diria Simone Weil<sup>12</sup>. Não ultrapassa o nível sensorial. Quando a cultura se superficializa, seus principais produtos são materiais, seus sonhos não tocam o sonho da natureza. Tomada pela concretude, a mente tende à presunção, porque se envolve com objetos de que se apropria e sobre os quais arroga plenos direitos – donde deriva um saber conceptual tendente ao definitivo e ao estacionário.

Tanto o artista quanto, em outro plano, o psicanalista estão em condições favoráveis para reconhecimento e contato com a leveza não-sensorial dos fenômenos, como insistentemente descrevi em *A arte interior do psicanalista*. A natureza específica da psicanálise facilita encarar o que se passa na sessão como se fosse um sonho. O psicanalista tem o privilégio de acompanhar a maleabilidade intrínseca do fenômeno emocional, quando está menos sujeito ao aprisionamento mental ocasionado pela matéria que se repete. Os conteúdos dos sonhos (manifestos e latentes), que são a via régia para o seu trabalho, significam tentativas válidas da mente operante para imprimir mobilidade espontânea à atividade anímica. Eles reproduzem em escala individual o caráter móvel e flutuante de tudo o que existe no universo, tal qual um experiente observador humano poderia perceber.

A evolução biológica tem a ver com a mobilidade orgânica; no caso da evolução da mente, a via mestra é a mobilidade psíquica. Os sonhos individuais mantêm a maleabilidade do fenômeno vivo e evolutivo. Visto deste ângulo, uma das finalidades dos sonhos é sustentar o estado não-cristalizado e evanescente, pela introdução de novas experiências psíquicas. Isto é feito através da alteração do *status quo*, redefinindo as bases da existência. Se antigas estruturas se alteram, novas estruturas entram em vigor. Sonhar é, pois, o processo da transformação interior do sonhador, pelo qual se dão novas possibilidades de sentidos para os fatos. Estabelece uma dinâmica de novas sínteses, que se opõe a deixar as coisas como estão e à compulsão à repetição. É *meio transformante* para a evolução psíquica.

O papel transformista dos sonhos está em *libertar a mente da força paralisadora e regressiva da matéria que a impregna*. Ou melhor, fazem intervir um fator transformante à medida que se opõem à compulsão à repetição. Uma vez isto reconhecido, torna-se óbvio que uma das funções dos sonhos é justamente manter o estado de mobilidade psíquica. Esta mobilidade, sendo um dos principais fatores de evolução da mente do estado sensorial para o estado não-sensorial, conduz a evolução geral do espírito – e a obtenção de qualidades que permitem a percepção da imaterialidade do mundo.

Além dos sonhos, outras funções mentais exercem similar ação transformante. *En*

12 Simone Weil (1909-1943), escritora francesa e combatente pelos direitos dos oprimidos, disse que "todos os movimentos *naturais* da alma são regidos por leis análogas às da gravidade material. Só a graça é exceção" (p. 375).

*passant*, lembro-me de *processos mentais espontâneos* que se dão no brincar da criança, em seus desenhos, na *rêverie* materna, nas imagens intuitivas, em algumas formas de imaginação, na atenção flutuante do psicanalista, na associação livre e na criação artística.

O que é sempre necessário frisar, contudo, é que *o sonho da realidade está nela*. O “dado objetivo” é um suporte momentâneo que se altera para nós conforme a apreensão que fazemos das facetas desse infinito sonho, inapreensível em sua existência em si, que às vezes nos desperta de nossa apatia. Somos instrumentos dessa apreensão. Desenvolver, refinar, afinar o instrumento, eis a questão.

E os perigos? Victor Hugo já havia alertado sobre possíveis perigos psicóticos ao sonhador: “existe uma hilaridade das trevas”, dizia. No *Post-Scriptum de ma vie* (apud Béguin, p.375) ele escreveu que “usurpações sobre as sombras não estão livres de perigo. A *rêverie* tem seus mortos, os loucos (...). O sinistro chega a essas profundezas. Há aí ameaça de fogo grisú”. O mergulho na alma humana era, para ele, comparável ao perigo a que os mineiros se expunham nas minas de carvão.

Seriam temores injustificados? Para responder, recorro à experiência do psicanalista. Tomemos, por exemplo, o problema da personalidade fóbrica, do tipo que produz pânico. A pessoa nestas condições sente-se frequentemente perdida de si, rodopiando nos confins de um estranho universo, num vácuo, túnel ou buraco sem saída. Não pode assentar confiança em quase nada, vivendo restritamente em relação ao mundo. Este se lhe afigura sombrio, instável, alarmante. Causa-lhe pavor o viver só. Depende de pessoas que lhe forneçam alguma base para um mínimo de segurança pessoal. Apega-se e “gruda”. Não tem referenciais precisos para se situar perante a vida e para julgar acontecimentos. Diz: “Para que trabalhar, se um dia morrerei?”; “Por que transitam esses veículos na rua, que vêm e vão a parte alguma?” Ela não pode tomar os fatos como garantia, porque estes, referidos externamente, são sempre duvidosos, aleatórios e inconsistentes. A personalidade fóbrica que menciono possui um ponto de vista de sonhos para a vida, com a diferença, porém, de que os sonhos se tornaram pesadelos. Ao conceber a vida como um sonho, entra em estado de pânico: sente que tudo está concretamente em vias de dissolver-se. Seus objetos pertencem ao possível, não ao real. Figurar o mundo em impermanência e flutuação é o terror impensável do fóbrico porque, assim, não terá onde se firmar. Busca no objeto externo a confiança de que carece e dele não recebe confirmações duradouras. Se ocorrem imprevistos, ou os imagina (como a morte de entes queridos), entra em estado de insuportável angústia.

Qual é o problema do fóbrico? Ele tem um ponto de vista de sonhos para a vida, todavia o sonhador, aqui, se perde de si mesmo, sem apoio na entidade pessoal. Não possui ancoradouro em objeto bom internalizado (objeto primário)<sup>(13)</sup> que o faça acreditar que tal ponto de vista não constitui uma ameaça fatal. A visão de sonhos em estado de profundo desamparo e enfraquecimento da identidade pessoal resulta em lastimável desdita. Ante a noção de transformação, o fóbrico não saberia contrair-se em fatores internos, a partir dos quais, como Arquimedes, moveria tudo o mais. Estes fatores correspondem ao reconhecimento da equipagem da própria mente. Assim, uma atmosfera de sonhos poderá ser experimentada, somente, se houver suporte em objeto bom internalizado, compatível com uma *matriz de confiança básica* organizadora das experiências e formadora da identidade.

Hoje melhor compreendemos que esse tipo de fobia tem raízes na relação mãe-bebê (ver Trinca). Nesta relação, houve um tempo de insuficiência de comunicação, de continência e de suporte emocionais. Houve dificuldades de contato assegurador de estabilidade psíquica ao bebê, a fim de que este pudesse experimentar sua existência através da colheita de sensações parcialmente “metabolizadas” pela mãe. As bases da vida psíquica advêm do sentimento de existir, asseguradas pela continência de elementos psíquicos mediados por uma mãe capaz para *rêverie*. Bion toma este termo no sentido de uma comunicação pré-verbal entre mãe e bebê por meio da qual este chega a ter experiências emocionais (e não simplesmente expeli-las), retendo algo estável dentro de si, o que é uma condição para a estruturação da identidade. Essa comunicação se dá pelo processo de identificação projetiva considerado normal. Se tudo correr bem, o desenvolvimento da pessoa permitirá que ela experiencie transformações internas e externas de grande monta, sem necessariamente descentrar-se de suas bases pessoais.

Victor Hugo, ele também, apresentou uma conclusão: “é necessário que o sonhador seja mais forte do que o sonho”. O psicanalista e o escritor estão de comum acordo. Há, de fato, uma solução: fortificar a noção de si mesmo e penetrar na obscuridade. Esta é, igualmente, a origem de uma arte verdadeira.

Há inúmeras formas de arte. A mais elevada é a expressão artística que representa a



captação da imaterialidade. Não é uma arte de ruptura ou dissolução da unidade do *self*; este despedaçamento conduziria à estranheza patológica do sujeito perante o mundo. Não é, tampouco, uma arte realizada a partir de sínteses na elaboração de um mundo interno despedaçado; esta forma de arte põe muita ênfase em objetos psíquicos (que lograram ser reunidos de seus pedaços e fragmentos originais). Também, não é arte de “fusão” entre sujeito e objeto; neste caso, o produto artístico representa um amálgama dos aspectos subjetivos e objetivos: o sujeito impregna o dado externo e vice-versa – variando o produto do meramente fantasioso até o alucinatório. Uma verdadeira arte supe, pois, suficiente integração da personalidade, de modo que a dor e a turbulência psíquicas não interfiram demasiadamente na descoberta da natureza imaterial do mundo. Limpas, relativamente, as “portas da percepção”<sup>(14)</sup>, haverá uma arte dessa captação.

Se há objetos reais mostrando-se como imaterialidade, eles não poderiam ser ficção. Aludo não a nossos pobres sonhos e invencionices imaginosas, mas à própria fisionomia reveladora da realidade. Se a mente humana é capaz de criar, para seu deleite e agrado, toda espécie de ilusão e prazer irreais, não é este meu vértice, assim como não o é a magia e o mito. Mesmo que magia e mito provenham de experiências abissais à procura de significação primeira, seus caminhos são trilhados por homens e deuses que ora se comunicam, ora se confundem. Buscando levantar o véu encobridor da realidade, pretendem transpor a separatividade entre céu e terra, entre terra e inferno, em que vida e morte, existência e não-existência, realidade e irrealidade se tocam e se misturam, enfeitando a razão.

Não caberia aqui o misticismo, em sua tendência de escapar ao mundo e ao tempo para atingir o absoluto. Os objetos perdem seu conteúdo terrenal quando postos sob a égide do infinito místico. Ele se enraíza em dimensão extranatural, que abarca a dimensão mundana como se esta não fosse dimensão espiritual, nem sequer verdadeira dimensão.

Está visto, portanto, que falar de visão de sonhos para a vida é usar uma metáfora de grande amplitude ou, talvez, um modelo útil. Insisto, porém, que na própria existência do mundo descobrimos beleza, graça e grandeza indescritíveis. Mais do que isto, colhemos a imaterialidade que irradia da matéria, a espiritualidade dos próprios fenômenos, em seu fulgor majestático. Contemplando o mundo pela perspectiva dos sonhos, extasiamo-nos com surpreendentes descobertas. Tendo tudo a nos oferecer, não necessitamos buscar fora dele nosso alimento espiritual. Quando isto acontece, encontramos razão de viver e chegamos a compreender os versos imortais de Píndaro:

“Seres efêmeros! Que é cada um?...  
que não é? O ser humano  
é o sonho de uma sombra.  
Mas, quando surge um raio de luz  
mandado por Zeus,  
um resplendor brilhante  
envolve os homens e sua vida é doce.”

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*. Paris, Quadrige/PUF, 1986.  
BÉGUIN, Albert. *L'âne romantique et le rêve: essai sur le romantisme allemand et la poésie française*. 2ª ed., Paris, Jose Corti, 1960.  
BION, W. R. *Volviendo a pensar*. Trad. D. R. Wagner. Buenos Aires, Horme, 1972.  
CHUANG-TSE. *Oeuvre complète*. Trad., Pref. e Notas de Liu Kia-Hway. Paris, Gallimard/Unesco, 1985 (Connaissance de l'orient).  
HÉRACLITE D'ÉPHÈSE. “Fragments”, in *Les penseurs grecs avant Socrate*. Trad. J. Voilquin. Paris, Garnier/Flammarion, 1964.  
HESSE, Hermann. *Pequenas alegrias*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro, Record, s/d.  
KEMPER, Werner. *O sonho, esse desconhecido*. Trad. J. de Mascarenhas. Lisboa, Livros do Brasil, 1955.  
KENNETH, Francis G. *A literatura da China*, 2 vols. Adap. M. de Caires. Lisboa, Argo, 1944.  
KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Versão Octavio Tarquinio de Souza. 10ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.  
MILNER, Marion. *L'inconscient et la peinture: une approche psychanalytique du dessin chez l'enfant et l'adulte*. Trad. W. e B. Ashe e P. Denis. Paris, PUF, 1976.  
SHAKESPEARE, William. *The complete works of William Shakespeare*. 19ª impressão, Londres, Spring Books, 1979.  
TRINCA, Walter. “Fobias por insuficiência do continente primário”, in *Estudos de Psicologia*, 1(2), 1984, pp. 31-8.  
\_\_\_\_\_. *A arte interior do psicanalista*. São Paulo, E.P.U./Edusp, 1988.  
WEIL, Simone. “A gravidade e a graça”, in BOSI, Ecléa (organ.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão/Simone Weil*. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

14 Referência a William Blake, *As nupcias do céu e do inferno*, p. 14.